

Boko Haram: Uma história da ascensão.

JULIANA CAULO



Atualmente é fácil encontrar notícias que envolvem ações de grupos paramilitares, muitos dos quais são velhos conhecidos da história. No que se refere ao Boko Haram, movimento relativamente jovem, encontramos uma certa neblina sobre as discussões acerca do assunto. No entanto, não é difícil imaginar o porquê um movimento que tem ascendido nas últimas décadas carece de uma vasta fonte de pesquisa e, por consequência, de maior acesso à informações. A “idade” do movimento, o interesse midiático em cima dele e de suas ações e a dificuldade de acesso à pesquisas de campo são os três principais pilares que limitam um maior debate sobre o assunto.

O Boko Haram é um movimento de base religiosa que surgiu em 2003, na Nigéria – mais especificamente em Borno – e sob o comando de Mallan Mohammed Yusuf ascendeu exponencialmente. Embasado por preceitos islâmicos, é comumente exposto como um grupo terrorista e fundamelistas. A fundação do movimento tinha como objetivo combater as influências do Ocidente na região e propagar a Jihad. Nota-se então, que a atuação de agentes ocidentais mais uma vez possibilitou a reação de um grupo extremista que luta para manter suas convicções intocadas.

Apesar desse claro objetivo, o jovem movimento passou por diversas mudanças em suas formas de combate em sua sociedade. É o que diz Kyari Mohammed ao defender a existência, até então, de três fases evolutivas do Boko Haram. A primeira fase é denominada

de Kanama e é temporalmente estabelecida de 2003 a 2005 e apesar dos embates sua notoriedade não fomenta muita agitação política internacional. A segunda fase é tida como crucial para o desenvolvimento da fase seguinte. Conhecida como “Dawah” foi responsável pela aderência cada vez maior de pessoas ao movimento. Nela ocorreram maiores recrutamento, doutrinação e radicalização de membros, permitindo a comparação com outro grupo radical, a Al-Qaeda. Essa fase tem seu fim com a forte repressão realizada em julho de 2009, que terminou com a morte de seu principal líder, Yusuf.

Mohammed Yusuf ascendeu dentro do movimento durante a segunda fase, onde foi o principal mentor. Seus ideais foram moldados durante seu exílio na Arábia Saudita, do qual voltou com ideias muito mais radicais. Foi morto em custódia das forças de segurança nigerianas, comumente acusadas de serem brutais e arbitrárias. Porém, matar um líder tão carismático e de tamanha influência, geralmente tem o efeito contrário do que o esperado pelas forças punitivas. Os seguidores de Yusuf ficaram fortemente abalados, mas não foram silenciados.

Em 2010 um Boko Haram mais organizado e combativo tomou lugar em busca de vingar o assassinato de seu mais importante mentor. As ações voltaram-se não só contra seus oponentes habituais, mas também contra alvos como os escritórios da ONU, nos anos que se seguiram. O movimento que até então se encontrava mais

contido, disparou em busca de embates físicos mais eficazes e que chamassem atenção para a sua luta. A ideia não era mais acabar com a ocidentalização na Nigéria, mas mostrar que ela poderia ser combatida em qualquer lugar. Essa luta pode ser observada como uma consequência do processo pós-colonial. A Nigéria foi uma das regiões colonias britânicas durante o fim do século XIX e começo do século XX. O contato com estruturas ocidentais influenciaram fortemente na sociedade e cultura da região. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, viu-se surgir um forte sentimento nacionalista culminando na sua independência em 1960. Entretanto, o contato com a com estruturas ocidentais e, principalmente com o cristianismo, gerou um choque dentro da própria sociedade nigeriana, fazendo surgir movimentos, como o Boko Haram, que buscavam uma forma de recolocar a identidade cultural islâmica e se livrar de vez das influências ocidentais. Porém é necessário fazer a ressalva de que, apesar de se colocar como defensor da fé islâmica e de propor um Estado fundamentado nessa fé, o Islã não é de todo extremista ou radical. É preciso olhar criticamente para grupos como o que aqui está sendo colocado e fazer uma análise livre das alienações normalmente imbutidas como forma de oposição. Há sempre muito mais a ser visto e estudado sobre as origens desses grupos e das sociedades em que se inserem.

Torna-se importante salientar que a ascensão e as ações cada vez mais largas e mais violentas do Boko Haram fazem parte de um esforço para chamar atenção dos Estados Ocidentais e mostrar que a ocidentalização está sendo e continuará a ser combatida. Por outro lado, também fica evidente a inabilidade do Estado, e agora dentro das proporções tomadas, da Comunidade Internacional em contornar situações de crise como essa. O recente episódio das meninas que foram sequestradas em uma escola no povoado de Chibok por membros do movimento mostrou exatamente isso e abriu espaço para questionamentos sobre até que ponto é possível se interferir em situações como essa e quais seriam as melhores formas para isso.

O Boko Haram é um movimento que não pode ser ignorado. Já matou muitas pessoas e recentemente o grupo firmou lealdade ao grupo

jihadista Estado Islâmico, motrando que deixou de possuir um enfoque regional e possivelmente visando uma atuação mais enfática e que demande mais atenção dos grandes países. É preciso debater uma resposta mais eficaz a essas ações e entender de onde se originam grupos como esses, para evitar que outros surjam seguindo seu exemplo.